

Volume 1 • Unidade 9 • Filosofia

Introdução à Filosofia

Para início de conversa...

Sejam bem-vindos à Unidade I do Curso de Filosofia.

Pretendemos, neste primeiro momento, fazer com que você se familiarize com a Filosofia, conhecendo sua origem, seu sentido, suas questões. Você conhecerá alguns filósofos e entrará em contato com seus pensamentos, visões de mundo e dilemas.

Você compreenderá que existem diferentes formas de conhecimento e que a Filosofia é uma delas, sendo caracterizada, principalmente, pela sua **criticidade**.

Criticidade

Criticidade - Qualidade do que é crítico.

Além disso, vamos tentar desfazer aquela visão preconceituosa que algumas pessoas ainda têm sobre a Filosofia ser uma “viagem”, coisa de quem não tem o que fazer e que fica apenas divagando sobre questões inúteis ou impossíveis de serem respondidas.

Veremos que, ao contrário, a Filosofia constitui um saber muito importante que nos ensina a questionar essa realidade que parece ser um dado objetivo. Considerá-la assim, objetiva, pode fazer com que a aceitemos de modo passivo. Mas se nos tornarmos capazes de refletir e questionar, poderemos nos tornar verdadeiramente cidadãos e, desse modo, intervir e lutar por um mundo melhor.

Objetivos de aprendizagem

- Contextualizar historicamente o surgimento da Filosofia na Grécia;
- Situar a Filosofia como uma das dimensões para compreender e transformar o homem e o mundo;
- Distinguir o pensamento mítico do filosófico, identificando elementos que indicam a ruptura e a continuidade entre mito e filosofia.



Seção 1

Apenas (mais) uma forma de introdução à Filosofia

Já dizia Wittgenstein que: “a Filosofia não é uma *doutrina*, mas uma *atividade*”. E ele estava certo. Diferente das outras disciplinas, a Filosofia não se encontra limitada por seu objeto de estudo, mas revela-se como uma forma especial de pensamento que apesar de, em si mesma, não possuir um conteúdo (pré)determinado pode pôr-se a refletir e a questionar todos os segmentos da atividade humana.

O termo grego Filosofia (*philosophia*) é a expressão do amor ao conhecimento e da busca incansável do homem pelo sentido e fundamento de todas as coisas.

Por um lado, distingue-se da religião uma vez que não assenta suas bases na fé ou na crença, mas na razão. Por outro, não deve ser confundida com a opinião, pois prima pelo rigor e profundidade em suas argumentações.

Mas essa atividade da razão humana não existiu desde sempre, a Filosofia é um produto da genialidade grega.

E no princípio, o mito

Ninguém precisa ser filósofo para fazer perguntas, concorda? Faz parte de nossa própria natureza essa necessidade de se obter respostas e, se possível, certezas a respeito das coisas e de nós mesmos. Dessa forma, basta pesquisarmos um pouco para encontramos uma série de perguntas fundamentais que acompanham os seres humanos desde sempre.

De onde viemos? Como surgiram todas as coisas? Por que e como acontecem os fenômenos naturais? Qual o sentido de nossa existência?

Nesta seção, iremos acompanhar a passagem do modelo de explicação que chamamos *mítico* ao modelo *racional* proposto pelos primeiros filósofos. Mas você sabe o que é um mito?

O mito, assim como a Filosofia e a Ciência, constitui uma tentativa de se responder àquelas perguntas sobre as quais falamos anteriormente a partir da ação de agentes sobrenaturais. Assim, uma catástrofe causada por uma tempestade em um vilarejo poderia ser entendida como uma forma de punição em razão de uma desavença entre alguma divindade e seus habitantes. Do mesmo modo que um ato heróico em uma guerra seria o indício de uma certa ascendência divina. Em outras palavras, aos olhos do mito, toda a realidade existente remete, necessariamente, a uma força, a um deus ou a uma criatura com habilidades sobre-humanas.

Pois bem, antes do nascimento da Filosofia, a concepção de mundo dos gregos era totalmente ligada ao mito. Certamente, você já deve ter ouvido falar na mitologia grega, não é mesmo? Vamos conhecer um pouco sobre ela? Dessa forma, você perceberá que conhecer o modo peculiar dos gregos de entender a si e ao mundo será de grande ajuda em nossa aula sobre Filosofia.

Muitas Grécias, vários deuses

É importante que desfaçamos, antes de mais nada, a ideia comumente passada de que existia uma única Grécia na Antiguidade. Na verdade, existiam muitas Grécias. Divididos em um grande número de *pólis* (ou cidades-Estado), os seus habitantes compartilhavam poucas coisas além de uma língua em comum. Dependendo da cidade, a mulher era vista como igual ou inferior ao homem. A educação era voltada para a prática política ou militar e o contato com o estrangeiro poderia ser estimulado ou evitado. Cada cidade possuía o seu deus protetor e, ao seu lado, um mito rememorado pelos seus habitantes que marcava a sua superioridade sobre os demais. Não havia igualmente uma capital, apesar da superioridade evidente das duas *pólis* mais famosas do mundo antigo: **Atenas** e **Esparta**.

Saiba Mais

Atenas e Esparta foram as principais cidades-estado gregas e servem como exemplo para nos mostrar que cada *pólis* possuía costumes e visões de mundo bastante diversos. Os espartanos, de tradição militarista, ficaram conhecidos pela valorização da figura do Guerreiro, enquanto os atenienses por priorizar a educação de seu povo, tendo transformado Atenas num grande centro intelectual e no berço da democracia. Vamos conhecer um pouco mais sobre a vida nas duas cidades? Acesse os links a seguir:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Atenas

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esparta>

Mas, então, frente a tantas diferenças, o que une os gregos? Em primeiro lugar, como já dissemos, a existência de uma única língua capaz de produzir um sentimento de pertença e, ao mesmo tempo, que seja flexível o suficiente para dar conta dessa multiplicidade de vozes.

A língua - não só a grega, lógico - é um importante elemento de coesão cultural. E, no caso grego, nutriu-se das histórias míticas contadas inicialmente pelos poetas e, mais tarde, pelos filósofos. Imagine aprender a ler a partir das histórias contadas por Homero, o grande poeta grego do século VIII a. C.? Devia ser incrível, não concorda? Mas, é importante ressaltar que não se tratavam de textos ao estilo das nossas conhecidas cartilhas, mas livros como a **Ilíada** e a **Odisseia** que retratam, em detalhes, acontecimentos históricos, permeados de seres divinos e lições de moral.

O que isso significa? Simples: o grego, desde pequeno, pensava, sentia e vivia num mundo rodeado de forças sobrenaturais. Dedicava sua vida, a de sua família e cidade aos seus deuses e deusas. Vivia e morria a partir de uma perspectiva mágico-religiosa. O que chamamos de mito, nos nossos dias, era, para os gregos antigos, sua religião.

Ilíada e Odisseia

Ilíada - poema épico de 15.693 versos, escrito por Homero, que narra a história da Guerra de Troia (Ílion, em grego).

Odisseia - poema épico de 12.110 versos, atribuído Homero, que conta as aventuras do herói grego Odisseu (ou Ulisses) em seu retorno à Ilha de Ítaca, logo após o desfecho da Guerra de Troia

Apesar de não haver uma unidade nas histórias e da própria caracterização de suas divindades, a mitologia grega assenta as suas bases em fontes como as obras dos poetas Homero e Hesíodo e do filósofo Platão. Era baseada na crença de um panteão de divindades, chamadas olímpianas, governadas por Zeus. De modo geral, cada deus representava um aspecto da realidade. Havia, assim, um deus da guerra (Ares), um dos mares (Poseidão), uma deusa do amor (Afrodite), uma outra protetora dos casamentos(Hera) ou mesmo da sabedoria (Atená).

Além dessa elite principal, mais uma infinidade de seres, forças divinas e monstruosas povoavam o imaginário do povo grego. Eram serpentes gigantes, gigantes de um olho só e criaturas capazes de transformar os pobres mortais em animais ou estátuas de pedra lado a lado com espíritos protetores das colheitas e cerimônias religiosas. A própria Terra, o Céu e os Mares eram vistos como entidades dotadas de vontade...

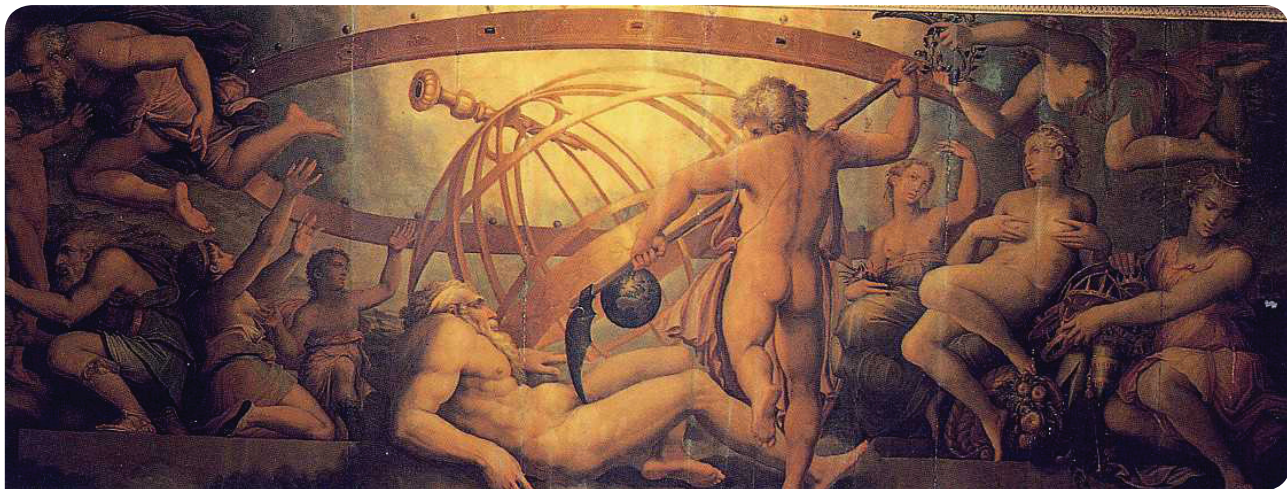


FIGURA 1: A pintura de Giorgio Vasari and Gherardi Christofano (séc. XVI) retrata a mutilação de Urano (O Céu) por seu filho Cronos (O Tempo). Assim, a partir do estratagema de Gaia (Terra), os Titãs assumem o poder.

E, dessa forma, a religiosidade grega fazia-se sentir em toda a parte como por exemplo, nos jogos olímpicos. Você sabia que, na época dos jogos, ficava proibida qualquer hostilidade entre as cidades gregas? Declarar guerra com outra *pólis* ou mesmo assaltar um atleta a caminho dos jogos seria visto como crime contra os deuses. No mínimo, fascinante!

Por esse motivo, durante muitos anos, os historiadores foram unânimes em apontar o surgimento da Filosofia como produto do que chamaram de o “milagre grego”. Não conseguiam entender como, de uma hora, para outra, os filósofos romperam radicalmente com as explicações míticas com as quais o povo das diferentes cidades-estado da Grécia estava acostumado.

Nem tanto um milagre

Segundo os historiadores, a Filosofia teria surgido pela primeira vez na Grécia, por volta do século VI a. C., na antiga cidade da Ásia Menor chamada Mileto, tendo como protótipo o pensamento de Tales (c. 624/5 a. C.- 556/8 a. C). Inventor, astrônomo e matemático – você deve lembrar do seu famoso teorema -, Tales é o resultado de toda uma série de fatores que lhe permitiram registrar seu nome na história como sendo o primeiro filósofo.

Mileto era uma cidade que mantinha vínculos comerciais bem estreitos com o Oriente, Egito e outras cidades do sul da atual Itália. A sua localização geográfica privilegiada permitiu contato com essas culturas e assim o fortalecimento da economia milésia através do comércio, ocorreu juntamente com a troca de conhecimentos e a inevitável relativização de valores.



FIGURA 2: O Mundo Grego na Antiguidade. A Filosofia surge na periferia. Repare no mapa a localização da cidade de Mileto, antiga colônia da Jônia e as futuras potências mundiais Atenas e Esparta.

A própria religião grega, **politeísta e antropomórfica**, revelava-se mais aberta a novas leituras e manifestações que as posteriores crenças em uma única divindade.

Politeísta e Antropomórfica

Politeísta (do grego, poli = muitos e teos = deus). Crença em várias divindades.

Antropomórfica (do grego anthropos = homem e morphé = forma). O que tem a forma, as características do homem.

Aliado a esses fatores, temos aquele que é apontado como o de maior relevância em fazer da Grécia o berço da Filosofia: a invenção da política.

A própria *pólis* teria surgido, dois séculos antes de Tales nascer, nas comunidades da Ásia Menor. A maioria delas não era verdadeiramente “democrática” como alguns gostam de afirmar, mas a vida em seu interior girava em torno das decisões de instituições que funcionavam como espécies de conselhos e assembleias, ora do povo, ora aristocratas ou dos magistrados. E em que isso ajudaria a Filosofia? Simples: a prática do diálogo, o estímulo ao exercício da discussão inerentes ao debate político criaram as condições ideais para essa nova forma de pensar a realidade que toma como princípio não mais a fé nos deuses, mas a razão humana. Por isso, frequentemente, ouvimos que a “Filosofia é filha da *pólis*”.

Mas seria um equívoco pensarmos que bastou a Filosofia surgir no século VI a. C. para que os gregos abandonassem as suas crenças. Obviamente, o processo de dessacralização do saber não ocorreu de uma hora para outra, mas foi resultado de um longo processo histórico no qual, aos poucos, foi-se percebendo que as histórias contadas pelos antigos poetas não mais eram suficientes para dar conta do real. Ainda assim, por muito tempo, o mito coexistiu com pensamento filosófico, mantendo-se presente até mesmo nos escritos de filósofos de renome como Platão (c. 428/7 a.C. - 348/7 a. C.).

A predominância da razão (chamada de *logos* pelos gregos) na explicação da realidade que percebemos nos dias de hoje tem sua origem na Filosofia, quando, pela primeira vez, ocorre um distanciamento da concepção mítica da realidade em direção a uma explicação que parte da observação e do raciocínio.

Em busca de uma definição de Filosofia

Dissemos anteriormente que a tradição conferiu a Tales de Mileto o título de primeiro filósofo da história. No entanto, muito pouco restou de suas ideias. Sabe-se que foi o responsável por inaugurar uma nova forma de pensar, caracterizada pela recusa dos modelos mágico-religiosos tradicionais e pela exaltação da razão como a principal forma de compreensão da realidade.



A máxima mais famosa deixada por Tales é de que “*Tudo é água*” - o que não parece ser grande coisa, não é mesmo? Entretanto, mais importante que o conteúdo dessa sentença é, sem dúvida, a postura eminentemente crítica de seu enunciador. A conclusão a que chegou sobre o princípio úmido ser a origem de todas as coisas é confirmada pela maioria das ciências modernas (basta lembrar que os primeiros seres vivos vieram dos mares, assim como o nosso corpo é composto por cerca de 70% de água). Mas foi, sobretudo, a coragem e o espírito observador de Tales que deu espaço ao nascimento da Filosofia, mesmo que ainda, em seu início, muito próxima do mito e das demais ciências.

A palavra Filosofia (*philosophia*, em grego) só apareceu tardiamente com Heráclito de Éfeso (c. 535 a.C. - 475 a.C.) ou Pitágoras de Samos (c. 570/1/0 a.C. - 497/6 a.C) como forma de saber humano caracterizado pela busca incessante de respostas.

Etimologicamente, a palavra Filosofia significa amor ou amizade (*philia*, em grego) à sabedoria. O filósofo, portanto, seria o *amante do saber*, um protótipo de sábio, sempre disposto a apontar problemas e propor soluções às diferentes questões da vida e do mundo.

Mais tarde, a Filosofia viria a se apresentar como uma espécie de saber discursivo, essencialmente teórico, sobre problemas de natureza **metafísica**, afastando-se, pouco a pouco, da visão – defendida por algumas escolas – de um conjunto de princípios voltados para a conquista da vida feliz.

Metafísica

Metafísica (do grego, *metà* = além de e *physis* = natureza)-Talvez a área mais importante da Filosofia e, por vezes, tomada como seu único objetivo. Consiste no estudo do Ser, do ente, da alma e de toda a ordem de conceitos abstratos e transcendentais, considerados como princípios primeiros. O termo “metafísica” foi utilizado pela primeira vez por Andrônico de Rodas (séc. I a.C.) a fim de classificar as obras do filósofo Aristóteles que tratavam de temas que escapavam dos limites da Física. A metafísica tem como ramo principal a ontologia.

A despeito das inúmeras definições e matizes que a Filosofia possa ter, parece ser um consenso entre os profissionais que dela se ocupam dizer, à exemplo de Wittgenstein, que:

“

A filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade”. Atividade esta, de origem grega e de natureza racional, expressa por meio de um posicionamento crítico frente à realidade.

”

Leia atentamente o texto abaixo, de modo a desenvolver um pequeno texto sobre a importância da Filosofia nos dias atuais.

O valor da Filosofia

O valor da Filosofia, na realidade, deve ser buscado, em grande medida, na sua própria incerteza. O homem que não tem umas tintas de filosofia caminha pela vida afora preso a preconceitos derivados do senso comum, das crenças habituais de sua época e do seu país, e das convicções que cresceram no seu espírito sem a cooperação ou o consentimento de uma razão deliberada. Para tal homem, o mundo tende a tornar-se finito, definido, óbvio; para ele, os objetos habituais não levantam problemas e as possibilidades infamiliares são desdenhosamente rejeitadas. Quando começamos a filosofar, pelo contrário, imediatamente nos damos conta (...) de que até as coisas mais ordinárias conduzem a problemas para os quais somente respostas muito incompletas podem ser dadas. A Filosofia, apesar de incapaz de nos dizer com certeza qual é a verdadeira resposta para as dúvidas que ela própria levanta, é capaz de sugerir numerosas possibilidades que ampliam nossos pensamentos, livrando-os da tirania do hábito. Desta maneira, embora diminua nosso sentimento de certeza com relação ao que as coisas são, aumenta em muito nosso conhecimento a respeito do que as coisas podem ser; ela remove o dogmatismo um tanto arrogante daqueles que nunca chegaram a empreender viagens nas regiões da dúvida libertadora; e vivifica nosso sentimento de admiração, ao mostrar as coisas familiares num determinado aspecto não familiar. (RUSSELL, B. Os Problemas da Filosofia, Capítulo XV.)

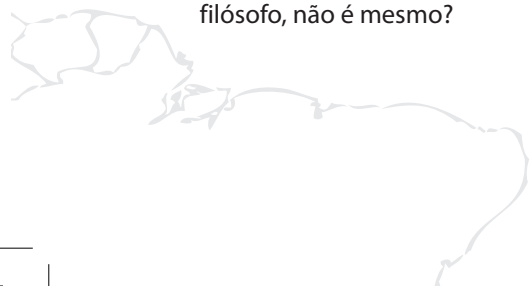
Anote suas respostas em seu caderno

Atividade

1

Os problemas da Filosofia

Como vimos anteriormente, a Filosofia constitui, ao mesmo tempo, uma atividade e uma atitude racional de busca do conhecimento verdadeiro. Nesse sentido, qualquer tema, a princípio, pode ser objeto da reflexão de um filósofo, não é mesmo?



De qualquer forma, basta um estudo mais atento da própria história da Filosofia para percebermos que alguns desses problemas mostram-se recorrentes e, apesar de distintos, permite-nos extrair características em comum. Em outras palavras, os filósofos, de modo geral:

- preocupam-se com a questão da fundamentação das ideias e práticas (as chamadas “condições de possibilidade”);
- acabam por desenvolver um sistema conceitual, a partir do qual pretendem explicar determinados fenômenos ou atividades;
- partem de observações críticas sobre os demais pensadores, a fim de justificar a sua “solução” aos problemas encontrados.

Foi um velho filósofo alemão, chamado Immanuel Kant (1724-1804), que disse, pela primeira vez, que a Filosofia deveria se ocupar de três perguntas fundamentais, a saber:

- *O que podemos conhecer?*
- *O que devemos fazer?*
- *O que nos é permitido esperar?*

No entanto, segundo Kant, essas três questões podem – e devem - ser reduzidas a uma outra que questiona sobre *o que é o homem?*

De certa forma, essa é uma maneira bem interessante encontrada pelo filósofo de abordar os campos de investigação filosófica, uma vez que, cada uma dessas perguntas, representaria uma área específica da própria Filosofia.

Tomando como base esse raciocínio, teríamos, atualmente, uma divisão bem mais complexa que a proposta por Kant:

- *Metafísica e Ontologia* – estudo das questões sobre o Ser, o Ente e demais conceitos que se encontram além do campo de estudo das ciências.
- *Epistemologia ou teoria do Conhecimento*– estudo das condições de possibilidade do conhecimento, da verdade.
- *Ética ou Filosofia Moral* – reflexão sobre o agir humano em sua dimensão dos valores.
- *Filosofia Social ou Política* – reflexão sobre o agir humano no interior de uma sociedade.
- *Antropologia Filosófica* – questionamento sobre a natureza humana, a questão da liberdade e temas correlatos.

Além desses grandes grupos, podemos adicionar um grande número de subáreas - denominadas por alguns de metafilosofias – por se constituírem enquanto estudo direto dos fundamentos de algum tema ou problema. São elas: a filosofia da religião, da ciência, da linguagem, da arte, da linguagem, da mente, da história etc.

Os períodos da Filosofia

A divisão em períodos históricos, como tudo o mais no campo da Filosofia, é palco de grandes polêmicas. No entanto, a fim de deixarmos de lado – pelo menos provisoriamente – esse complicado debate, optamos por apresentar uma versão bastante simplificada a partir da linha do tempo abaixo:

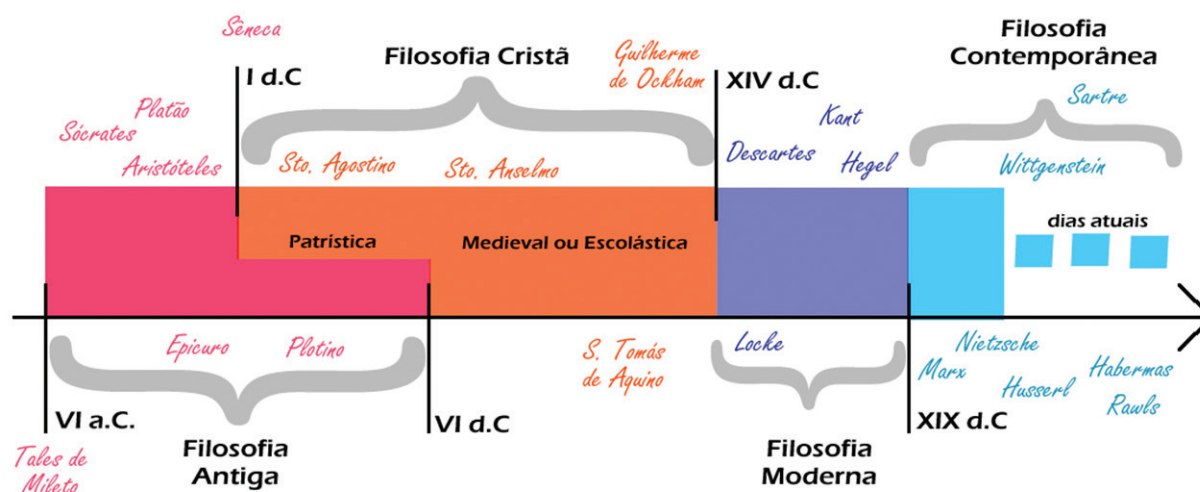


FIGURA 3: Linha do Tempo - Periodização da história da Filosofia que começa com o pré-socrático Tales, passando por séculos de influência cristã e chegando até os nossos dias com as inúmeras escolas e pensadores contemporâneos.

Assim, para fins didáticos, dividimos a História da Filosofia em:

- 1. Filosofia Antiga (VI a.C. – VI d. C.):** Composta pela escola pré-socrática (de Tales a Empédocles), pelos filósofos chamados “clássicos” (Sócrates, Platão e os Sofistas), pelo período sistemático representado por Aristóteles e, finalmente, pelo período helênico das escolas epicuristas, estoicas, cétricas e cínicas tanto gregas quanto romanas.
- 2. Filosofia Cristã (I d.C. – XIV d. C.):** Composta pela Patrística (que abrange desde os primeiros escritos cristãos até a filosofia de Sto. Agostinho de Hipona) e todo o período medieval ou escolástico, cujo principal representante foi S. Tomás de Aquino.
- 3. Filosofia Moderna (XIV d. C. – XIX d. C.):** Iniciada pelos filósofos renascentistas como René Descartes, seguidos pelos iluministas, como Immanuel Kant.

4. Filosofia Contemporânea (a partir do final do séc. XIX d.C): Marcada pela reflexão dos filósofos como Karl Marx e Friedrich Nietzsche até os dias de hoje.

A Filosofia tem, portanto, quase 27 séculos de história. Uma história fascinante, cheia de discussões acaloradas e teorias que pretendem dar conta, senão da totalidade, da maior parte das questões que assolam o espírito humano.

Que tal conhecermos um pouco mais sobre o que pensaram alguns dos personagens responsáveis por tudo isso?

Seção 2

Os primeiros filósofos

A tradição costuma atribuir a expressão “*pré-socráticos*” a todos os pensadores que antecederam o grande filósofo da cidade de Atenas, chamado Sócrates (c. 470/69 - 399 a. C.). Essa anterioridade, em sua grande maioria, é histórica. No entanto, alguns pré-socráticos - como Demócrito de Abdera (c. 460 a. C. - 370 a. C.) - parecem ter vivido na mesma época que o filósofo ateniense. De qualquer forma, pode-se afirmar com uma certa convicção que nenhum deles conseguiu alcançar a profundidade e, muito menos, o grau de abstração típico do pensamento socrático.

Nesse sentido, a anterioridade é, sobretudo, filosófica. A maioria desses pensadores fez da questão da origem (*archê*) e da natureza (*physis*) o seu objeto de reflexão, mas, por outro lado, também foram incapazes de romper definitivamente com a estrutura típica do discurso mítico. Veja o exemplo de Parmênides de Eleia. Considerado o “pai” da lógica pela descoberta dos **princípios de identidade e da não contradição**, escreveu todo o seu discurso sob a forma de poemas e dedicou os 32 versos de seu próêmio a uma espécie de hino de exaltação à deusa da justiça e da verdade, *Diké*:

“

E a deusa, com boa vontade, acolheu-me, e em sua mão
minha mão direita tomou, desta maneira proferiu a palavra e me saudou:
Ó jovem acompanhado por aurigas imortais,
que, com cavalos, te levam ao alcance de nossa morada,
Salve! Porque nenhuma Partida ruim te enviou a trilhar este
caminho, à medida que é um caminho apartado dos homens,
mas sim Norma e Justiça. Mas é preciso que de tudo te
instruas: tanto do intrépido coração da Verdade persuasiva
quanto das opiniões de mortais em que não há fé verdadeira.

”





Princípio de identidade e princípio da não contradição

Mesmo hoje em dia, a lógica sustenta-se a partir de dois grandes princípios ou leis gerais, que têm nos escritos de Parmênides a sua formulação básica. A máxima “o Ser é e o Não Ser não é” afirma a *identidade* de toda coisa consigo mesma. Por outro lado, o princípio da não contradição já se fazia presente na proposição “ou uma (coisa) é ou não é”. Mais tarde, com Aristóteles e os medievais, acrescentou-se um terceiro princípio chamado do *terço excluso*, que nada mais é do que uma consequência óbvia do segundo, uma vez que nega a existência de um terceiro elemento além da afirmação e da negação.



Apesar de toda a série de dificuldades em se estudar o pensamento pré-socrático – sobre o qual só restaram fragmentos - não podemos descartar a sua importância no desenvolvimento dessa atividade tão complexa que é o filosofar.

A fim de facilitar o primeiro contato com esses filósofos, optamos por dividi-los em três grandes grupos ou escolas, sabendo, por outro lado, que longe de ser perfeita, essa divisão deixa de lado pontos divergentes de suas teorias a favor de uma pretensa unidade. De qualquer forma, só iremos conhecer aqui, com mais propriedade, as filosofias dos mais proeminentes desse período, a saber: Heráclito de Éfeso (c.535 a. C - 475 a. C.) e Parmênides de Eleia (c. 530 a. C.- 460 a. C.).

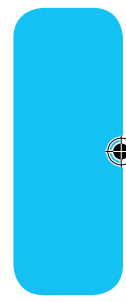
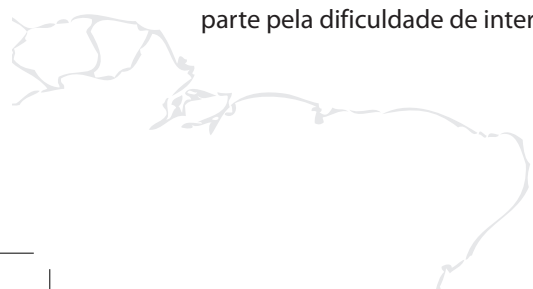
Na *escola jônica* agrupamos os pensadores que elegeram um único elemento como princípio fundante do real. São eles: Tales (A água), Anaximandro (O ilimitado), Anaxímenes (O ar), Heráclito (O fogo), Xenófanes (A terra).

Aqueles pertencentes à *escola italiana* de Pitágoras (O Número), Parmênides e seus discípulos Zenão e Melisso (O Ser) desenvolvem teorias bem complexas tomando como base princípios abstratos e que virão, mais a frente, influenciar o pensamento de grandes nomes como Sócrates e Platão.

Por fim, os filósofos *pluralistas* (ou de 2ª fase) que defenderam que a realidade é o resultado de dois ou mais elementos. São eles: Anaxágoras (A multiplicidade e o Espírito), Empédocles (Os quatro elementos) e os atomistas Leucipo e Demócrito.

O mobilismo de Heráclito

Assim como a maioria dos pré-socráticos, pouco se sabe da vida de Heráclito de Éfeso. Acredita-se, no entanto, que tenha pertencido à aristocracia de sua cidade natal, mas que tenha, igualmente, recusado-se a participar do governo da mesma. Segundo o historiador Diógenes Laércio, possuía um gênio difícil e era conhecido pelo seu orgulho, bem como pelo seu desprezo pela plebe. Filho de Blóson, ficou conhecido como o “Obscuro” (*skoteinós*), em grande parte pela dificuldade de interpretar-se os seus escritos.



A despeito da opinião de seus adversários, foi um dos primeiros filósofos a formular um pensamento consistente sobre a natureza dinâmica da realidade, marcada, sobretudo, pelo conflito (*pólemos*) entre elementos divergentes. Entendia, em contrapartida, o *logos* (*literalmente razão, discurso*) como o princípio unificador capaz de demonstrar a existência da unidade detrás da realidade em constante fluxo, e o fogo (*pyr*) como o elemento primordial. E, em alguns de seus fragmentos, expressou uma clara preferência pelo conhecimento originário dos sentidos.

Famoso pela sua metáfora onde afirma que: “*nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos*” (frag. nº. 49a.), Heráclito é visto por muitos como o principal representante do mobilismo grego. Todas as coisas encontram-se em movimento – defendem os mobilistas. Segundo eles, tudo flui e, portanto, coisa alguma permanece igual a si o tempo todo.

O pensamento heraclítico, apesar de bastante intuitivo – pois percebemos facilmente o aspecto mutante da realidade em nós mesmos e nas coisas a nossa volta – foi vítima de enorme preconceito ao longo da história da Filosofia, vindo a ser resgatado séculos depois pelo filósofo alemão Hegel (1770-1831). Em contrapartida, encontramos um número expressivo de músicas inspiradas nas máximas de Heráclito. Um bom exemplo é, sem dúvida, a música de autoria de Lulu Santos e Nelson Motta, “Como uma onda”:

“

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará
A vida vem em ondas como o mar
Num indo e vindo infinito

”

Multimídia

A música “**Como uma onda (Zen Surfismo)**” foi gravada por Lulu Santos em parceria com o jornalista Nelson Motta, em 1983, e desde então tem se mantido como um dos maiores sucessos da carreira do cantor. Por isso, vale a pena conferir o vídeo : <http://www.youtube.com/watch?v=OfMDX8zHI7c>

O monismo de Parmênides

Parmênides de Eleia é o autor do texto mais extenso dentre todos os pré-socráticos dos quais temos conhecimento. A profundidade de suas teses, juntamente com o seu incrível grau de abstração, foram responsáveis por conceder-lhe o título de um dos mais influentes filósofos da Grécia antiga. Segundo Platão, o próprio Sócrates teria aprendido muito em seu encontro com Parmênides.

É o principal representante do *monismo* uma vez que em, seu poema (intitulado “Da Natureza”), defendeu a existência de uma única realidade esférica, imutável, contínua, eterna e indivisível que, para alguns autores, seria a sua resposta às teses defendidas por Heráclito. De certo modo, ao optar uma realidade estática, onde a mudança e o movimento são vistos como ilusões dos sentidos e da opinião humana, Parmênides torna-se responsável por inaugurar uma importante vertente da filosofia que tem como ponto central a distinção entre realidade e aparência.

Por fim, para Parmênides: “*pensamento e ser coincidem*”. Isto quer dizer que só podemos pensar por meio de juízos afirmativos ou, em outras palavras, que o pensamento a partir *daquilo-que-não-é (Nada)* revela-se impossível. Por essa razão, foi considerado o fundador dos princípios lógico-ontológicos da identidade e da não contradição, que permanecem inalterados até os dias de hoje, bem como um dos precursores do discurso metafísico.

O período clássico

Chamamos de período clássico da Filosofia, toda a produção intelectual grega, compreendida entre os anos de 500 a. C. e 338 a. C. e que tem em Sócrates a sua figura mais importante. Historicamente, os gregos viviam em seu período de apogeu econômico marcado pela disputa entre a democracia ateniense e a oligarquia espartana.

A Filosofia viu em Atenas o espaço ideal para o seu florescimento, mas foi apenas com Platão, principal discípulo de Sócrates, que atingiu o seu ponto mais alto.

Enfim Sócrates

Sócrates foi um ateniense exemplar. Apesar de sua origem humilde (filho de um escultor e de uma parteira), serviu como soldado de infantaria na *Guerra do Peloponeso*, vindo a dedicar-se à Filosofia através dos ensinamentos de Anaxágoras e Arquelaus. Segundo a tradição, Sócrates teria despertado para a sua verdadeira vocação ao ver um parto feito por sua mãe, passando a chamar o seu próprio método de *maiêutica* (em grego esse termo significa *dar à luz, parto*). Para ele, a tarefa do filósofo não seria fazer de seus alunos depósitos do conhecimento de seu mestre, mas, ao contrário, permitir o nascimento das ideias já existentes.



Saiba Mais

Guerra do Peloponeso – Conflito armado entre as cidades gregas de Esparta e Atenas e seus aliados ocorrido entre os anos de 431 a 404 a. C. e que marca o declínio da hegemonia grega no mundo antigo.

Saiba mais em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Peloponeso

Por meio de perguntas sobre os fundamentos das coisas e de sua famosa ironia, Sócrates tornou-se o modelo de filósofo recorrente ainda nos dias de hoje. Sujo e maltrapilho e eternamente distraído com suas reflexões, possuía uma legião de jovens seguidores que, juntamente com ele, perambulavam pelas ruas da Cidade de Atenas para ouvir as suas preleções sobre ética.



Figura 4: Sócrates filosofando ao ar livre com seus alunos. Pintura de Johann Friedrich Greuter: "Sócrates e seus estudantes".

Diferente dos seus antecessores, Sócrates fora capaz de apresentar argumentos consistentes, mesmo que por vezes inconclusivos, sobre uma infinidade de temas, em especial os relacionados à virtude e ao questionamento da natureza humana.

Apesar de não ter deixado nenhum texto escrito, tornou-se célebre por duas passagens registradas por seus alunos Platão e Xenofonte: a ida ao oráculo de Delfos e o processo de seu julgamento.

A sua visita à sacerdotisa (ou pitonisa) do mais famoso oráculo daquela época fez de Sócrates o homem mais sábio do mundo. Humilde, aceitou as palavras do deus como reflexo de sua própria consciência diante de suas limi-

tações. “A verdadeira sabedoria – dizia o filósofo – consiste em se saber que nada se sabe”. Essa é de uma das máximas mais famosas da História que traz consigo a concepção que identifica a Filosofia não como *posse* e sim como uma *busca* incessante da verdade.



FIGURA 5: As Ruínas do Templo de Apolo em Delfos/ Pintura de Michelângelo – Sí-bila Délfica (1509). – Edição de Emmanuel Fraga.

O oráculo de Delfos era um dos mais famosos de toda a Grécia antiga. Diversas figuras importantes para lá se dirigiam, a fim de conhecer as enigmáticas previsões do deus Apolo ditas através de sua pitonisa. Conta a tradição, que nas paredes do templo havia um grande número de provérbios e máximas. Uma delas teria inspirado o próprio Sócrates e sua filosofia: “*Conhece-te a ti mesmo!*”

Outra passagem famosa de Sócrates aconteceu em tempo de sua condenação. O jovem e desconhecido poeta Meleto apresentou ao tribunal as seguintes acusações contra ele:

1. Não reconhecer os deuses do Estado;
2. Introduzir novas e malignas divindades;
3. Corromper a juventude com as suas ideias.

Apesar de sua articulada defesa, Sócrates, com 70 anos, é condenado a morte, por envenenamento por cicuta, no ano de 399 a. C.

Para Platão, a morte de seu amado professor representou a perda não só para aqueles que tiveram a chance de conhecê-lo, mas para toda a Atenas, uma vez que ele: “*foi o melhor e também o mais sábio e mais justo dos homens.*” (Fedon, LXVI)

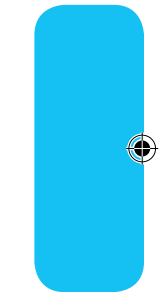




Figura 6: Jacques-Louis David – A Morte de Sócrates. Diante de seus discípulos mais próximos, Sócrates encarou a morte com dignidade. Após recusar as diversas propostas de fuga da prisão, manteve a sua ironia ao pronunciar suas últimas palavras: “Críton, dê um galo ao deus Asclépio – do qual somos todos devedores”.

Multimídia

Uma excelente dica para quem ficou com vontade de saber mais sobre Sócrates é o filme do diretor italiano Roberto Rossellini, *Socrate* (1971). Durante os seus 120 minutos, você acompanhará todo o processo de julgamento e condenação de um dos filósofos mais famosos de todos os tempos.

Assista na íntegra em: <http://www.youtube.com/watch?v=SIJSF-V6yBA>

Os sofistas

Diferente dos primeiros filósofos, cujo interesse girava em torno da natureza (*physis*) de questões mais gerais de ordem metafísica, os sofistas eram mestres das artes do discurso. Como profissionais do ensino, cobravam caro pelos seus serviços prestados à educação dos mais jovens que almejavam ingressar na carreira política.

A aparente despreocupação com a busca da verdade e o fato de serem, em sua maioria, estrangeiros, constituíram os principais motivos que fizeram da escola sofística uma espécie de antagonista das ideias filosóficas, em especial as de Sócrates.

Assim como o filósofo ateniense, os sofistas deixaram pouquíssimos escritos, no entanto, sabe-se que os seus discursos caracterizavam-se por uma espécie de **relativismo** e **convencionalismo**, expressos em sua concepção de linguagem entendida exclusivamente como discurso de convencimento.

Relativismo e convencionalismo

Relativismo: Perspectiva filosófica que defende que várias (ou mesmo todas) as perspectivas acerca da verdade são relativas a sua época e local de produção.

Convencionalismo: teoria que defende a ideia de que os valores, os costumes e a verdade são frutos de um acordo coletivo.

Entre os sofistas mais famosos afiguravam-se Protágoras de Abdera (481 a. C.- 420 a. C.) e Górgias de Leôncio (483 a. C.-376 a. C.). O primeiro ficou célebre pelas implicações de sua máxima: *“O homem é a medida de todas as coisas, das que são que elas são, das que não são que elas não são”*. O segundo pelo seu *“Tratado do Não Ser”* e *“Elogio de Helena”*.

Na polêmica obra *“Tratado do Não Ser”*, Górgias pretendeu desconstruir todos os principais pressupostos metafísicos através de três afirmações categóricas: *“nada existe; mesmo se o ser existisse, então seria incognoscível; e se fosse cognoscível, então este conhecimento (do Ser) seria incomunicável”*.

Em *“Elogio de Helena”*, o sofista utiliza-se de uma outra estratégia. Ao absolver Helena de Troia – odiada pelo povo grego que, desde sempre, lhe imputou toda a culpa pela guerra – Górgias pretendeu provar que basta uma boa argumentação para que se atinja o convencimento.



Muito se discute sobre eles ainda hoje. Eles eram filósofos ou apenas enganadores – a exemplo da opinião de Platão presente em seus muitos diálogos dedicados a esses pensadores ?

A Filosofia de Platão

Platão (427 a.C.- 347 a.C.) foi o mais famoso discípulo de Sócrates e professor de Aristóteles.

Em sua fase inicial, seus escritos têm na figura de Sócrates o seu principal protagonista e caracterizam-se pela crítica ao conhecimento sensível e na tentativa de reprodução do pensamento socrático. Mais tarde, Platão - mesmo que a partir dos ensinamentos do mestre – desenvolve as suas três teorias principais, a saber:

- A teoria *das ideias ou formas* (apresentada de modo didático no diálogo *“Fédon”*) que defende a existência de dois mundos distintos: o sensível e o inteligível;
- A teoria da *linha dividida* (explicitada na obra *“República”*), onde propõe uma hierarquia entre as diferentes formas de conhecimento;
- A teoria da *reminiscência da alma*, delineado no *“Fedro”*. A partir do mito da parelha alada, Platão justifica a educação como um processo de relembramento (*anamnese*, em grego), uma vez que, enquanto almas,

hávamos contemplado todas as ideias existentes, mas que foram esquecidas no ato da encarnação.

É importante ressaltar que as duas primeiras teorias foram uma espécie de resposta aos problemas deixados pelos pré-socráticos Heráclito e Parmênides, isto é, o impasse entre o mobilismo universal e o imobilismo. E a última, um recurso à crença pitagórica da **mentempsicose** e ao papel de “parteiro” do educador, defendida por Sócrates.

Mentempsicose

Mentempsicose (do grego: *metà* = além de, e *psiquê* = alma). Crença, de origem indiana ou egípcia, na transmigração das almas e sua encarnação em homens, animais ou mesmo vegetais.

O pensamento platônico é considerado um marco na história da Filosofia, tanto pela sua complexidade quanto pela abrangência de temas, e sua influência fez-se sentir não somente na Grécia, com a sua Academia, mas durante todos os longos séculos da filosofia cristã.



FIGURA 7: Academia platônica: mosaico de Pompeia, agora no Museu Arqueológico Nacional (Nápoles).

Fundada por Platão, por volta de 387 a. C., em Atenas, é considerada a primeira escola de Filosofia. Seu principal aluno, Aristóteles, ingressou na Academia com apenas 17 anos de idade e lá permaneceu por 20 anos, vindo mais tarde (em 335 a. C.) a fundar a sua própria escola, chamada Liceu. Devido à influência pitagórica, a Academia de Platão atribuía uma grande importância ao estudo da Matemática e, em seu pórtico de entrada, havia uma inscrição que dizia: “*Que não entre quem não souber geometria*”.

A fim de superar a posição dos filósofos monistas quanto ao problema do Ser e do movimento, do uno e do múltiplo, Platão constrói sua teoria das ideias. A partir de então, defende a existência de dois mundos, a saber: um que respeita as características do Ser de Parmênides (imobilidade, permanência...) e outro que é o palco de mudanças e transformações constantes, apontado pelos mobilistas como Heráclito de Éfeso. De acordo com essa teoria, podemos-se afirmar que:

- O mundo das ideias é o mundo verdadeiro, cópia abstrata do mundo concreto.
- A conquista do conhecimento e da verdade só é possível através de uma espécie de ascese na qual o homem liberta-se do mundo real em direção ao mundo ideal.
- O mundo sensível não existe, portanto, não é um problema a ser investigado.
- A nossa mente produziu o mundo das ideias, que nada mais são do que conceitos que habitam o nosso intelecto.

Anote suas respostas em seu caderno

Atividade

2

Conclusão

Já dizia um velho filósofo alemão que *"não se aprende filosofia e sim a filosofar"*. Por outro lado, sem conhecer um pouco de sua história, essa fascinante arte de admirar-se e refletir sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca poderia parecer ainda mais estranha e desprovida de sentido.

Em razão disso, aprendemos que a Filosofia é, ao mesmo tempo, um produto grego e de todo aquele que, assim como Tales, procura por respostas. E, mesmo tendo entrado em contato com diversas teorias - por vezes contraditórias - percebemos o que une os seus autores é uma certa inquietação em relação a (quase) tudo.

Esse espírito questionador, crítico e curioso estava presente em todos os filósofos que foram abordados nesse primeiro módulo, não é mesmo? E em você? Esperamos sinceramente que sim...

Resumo

Aprendemos em nossa aula que:

- Existem diferentes formas de explicação da realidade, tais como o Mito, a Ciência e a Filosofia.
- Até a época do nascimento da Filosofia, a concepção grega do mundo baseava-se na crença de seres e forças sobrenaturais.
- Entre as condições históricas para o surgimento da Filosofia na Grécia estão a questão cultural e a organização política.
- A Filosofia surge no século VI a. C., na cidade de Mileto, antiga colônia grega da Jônia.
- Tales de Mileto inaugura a Filosofia com a sua máxima “Tudo é água!”
- A Filosofia revela-se como uma espécie de atitude de natureza racional e crítica de busca das origens e fundamentos das coisas.
- Entre os inúmeros objetos dos quais a Filosofia pode refletir, cinco áreas são consideradas emblemáticas: a metafísica, a epistemologia, a ética, a política e a antropologia.
- Tradicionalmente, divide-se a história da Filosofia em quatro grandes períodos ou fases: antiga, cristã, moderna e contemporânea.
- Os pré-socráticos foram os primeiros filósofos que temos conhecimento e suas teorias giravam em torno da questão da origem, da natureza, da identidade e da diferença de todas as coisas.
- A filosofia do movimento de Heráclito de Éfeso e a filosofia do Ser de Parmênides representaram o primeiro debate de ideias da Antiguidade.
- Sócrates é considerado o mais importante representante do período clássico, ao lado de seu aluno Platão.
- A filosofia socrática dedicou-se à reflexão sobre a natureza humana, do conhecimento e do ensino da virtude (ética).
- A máxima socrática “só sei que nada sei” foi a fórmula encontrada pelo filósofo a fim de definir a sabedoria como uma forma de reconhecimento de nossas ignorâncias.
- Os sofistas foram mestres das artes do discurso e do convencimento e defendiam, em sua maioria, uma posição contrária a de Sócrates no que diz respeito à busca da verdade.

- Platão foi o principal discípulo de Sócrates e, em seus diálogos, dedicou-se a desenvolver e aprofundar o pensamento de seu professor.

Referências

Livros

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**; introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.
- BLACKBRUN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Trad. de Desidério Murcho *et al*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.
- CORDI, Cassiano, SANTOS, Antônio Raimundo, BÓRIO, Elizabeth Maia *et al*. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2001.
- LAËRTIUS, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília; Editora da UnB, 1988
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- OSBORNE, Richard. **Filosofia para principiantes**. Trad. De Adalgisa Campos da ilva. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- PLATÃO. **A República**. Trad. de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- **PRÉ-SOCRÁTICOS, Sócrates, Platão e Aristóteles** – São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores)
- REZENDE, Antonio (org.). **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



• http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d7/The_Mutilation_of_Uranus_by_Saturn.jpg



• http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Grecemap_EL.png



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Greuter_Socrates.jpg



• http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/Sibila_D%C3%A9lfica.jpg



• http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Delphi_temple_of_Apollo_dsc06283.jpg



• <http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/110000543>



• <http://mais.uol.com.br/view/xgzhj84w45eg/academia-de-platao-04023772C0895366?types=A&&fullimage=1>



• <http://www.sxc.hu/photo/517386>



• http://www.sxc.hu/985516_96035528



• <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1024076>



Atividade 1

Resposta pessoal. A argumentação deverá ser clara no seu objetivo de demonstrar, a partir do texto proposto, qual seria o papel da Filosofia na atualidade. É importante ressaltar que o autor faz duras críticas ao dogmatismo, ao contrário da ressignificação da busca pelo conhecimento promovida pela “incerteza” filosófica.

Atividade 2

Resposta Correta: B.

A ascese ou dialética ascendente platônica tinha como objetivo o reconhecimento das ideias como fonte única da verdade e do conhecimento. Esse processo de “libertação” da ilusão provocada pelos sentidos é tradicionalmente associado ao Mito da Caverna.

Apesar de considerar o mundo inteligível (das ideias) verdadeiro, Platão jamais defendeu que o mesmo seria uma cópia do mundo concreto como consta na letra A.

Mesmo entendendo as ideias como fundamento do mundo sensível, Platão não foi tão radical a ponto de negar algum nível de realidade às coisas como sugere a resposta C.

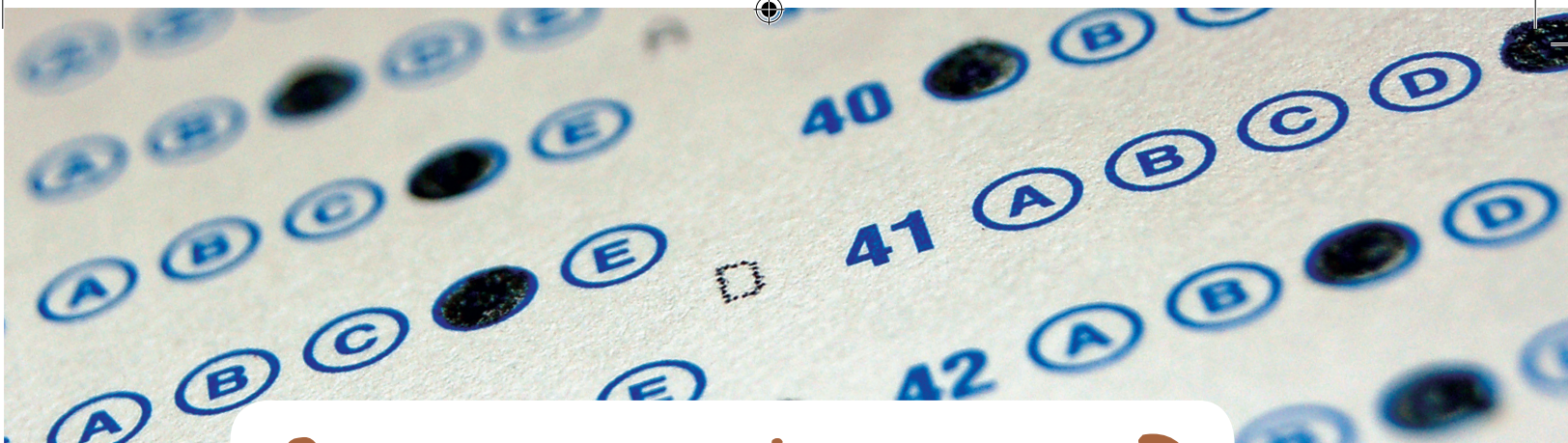
Para Platão, as ideias possuem uma existência própria e independente dos conceitos que formulamos em nossas mentes. Por esse motivo, não poderíamos assinalar a letra D como correta.

Respostas
das
Atividades



Bro
Urug.
Argei





O que perguntam por aí?

(UEM 2008)

Questão 01: Os filósofos pré-socráticos tentaram explicar a diversidade e a transitoriedade das coisas do universo, reduzindo tudo a um ou mais princípios elementares, os quais seriam a verdadeira natureza ou ser de todas as coisas. Assinale o que for correto.

01) Tales de Mileto, o primeiro filósofo segundo Aristóteles, teria afirmado “tudo é água”, indicando, assim, um princípio material elementar, fundamento de toda a realidade.

02) Heráclito de Éfeso interessou-se pelo dinamismo do universo. Afirmou que nada permanece o mesmo, tudo muda; que a mudança é a passagem de um contrário ao outro e que a luta e a harmonia dos contrários são o que geram e mantêm todas as coisas.

04) Parmênides de Eleia afirmou que o ser não muda. Deduziu a imobilidade e a unidade do ser do princípio de que “o ser é” e “o não ser não é”, elaborando uma primeira formulação dos princípios lógicos da identidade e da não contradição.

08) As teorias dos filósofos pré-socráticos foram pouco significativas para o desenvolvimento da Filosofia e da Ciência, uma vez que os pré-socráticos sofreram influência do pensamento mítico, e de suas obras apenas restaram fragmentos e comentários de autores posteriores.

16) Para Demócrito de Abdera, todo o cosmo se constitui de átomos, isto é, partículas indivisíveis e invisíveis que, movendo-se e agregando-se no vácuo, formam todas as coisas; geração e corrupção consistiriam, respectivamente, na agregação e na desagregação dos átomos.

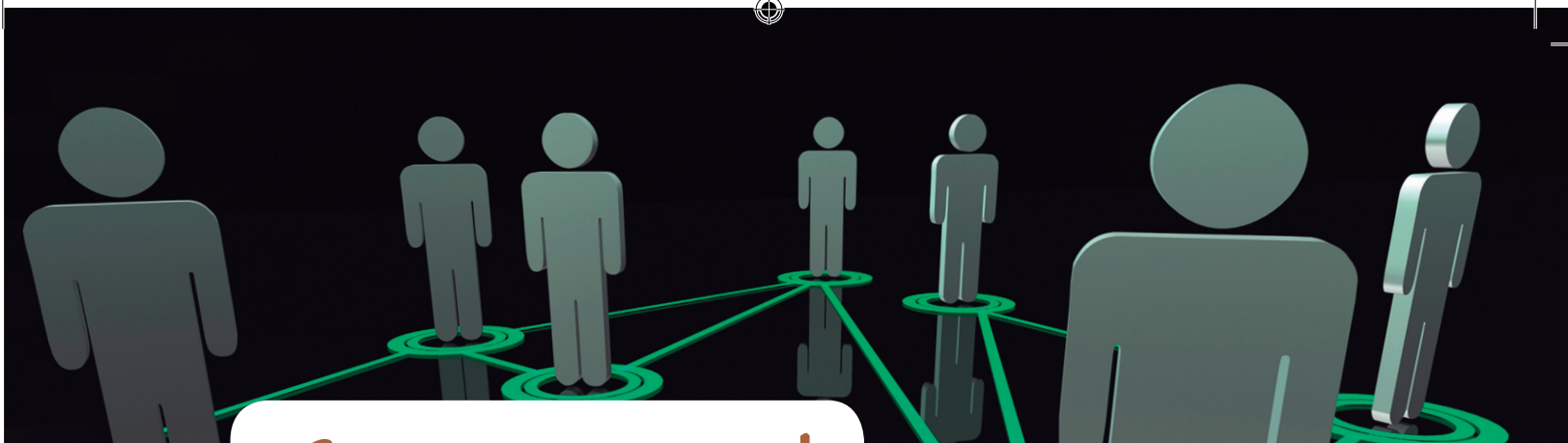


GABARITO OFICIAL: 01-02-04-16

COMENTANDO...

Todas as afirmações são corretas com exceção da oitava, pois, como vimos, o pensamento pré-socrático exerceu grande influência sobre o desenvolvimento da Filosofia. E mesmo a proximidade com o discurso mítico não impediu que vários desses pensadores preconizassem teorias científicas modernas, como o caso de Tales e da teoria das partículas atômicas de Demócrito e Leucipo.





Caia na rede!

1. Para quem se interessa pela mitologia, uma boa dica é a edição sobre a *genealogia dos deuses gregos* da Revista Superinteressante nº. 279 (jun. 2010).

Cercado de ilustrações, o seu bem cuidado infográfico apresenta toda a árvore genealógica dessas divindades, começando pelo Caos e chegando até os principais habitantes do Monte Olimpo.

Disponível online em: <http://www.flickr.com/photos/revistasuper/4799237687/lightbox/>

2. *Elogio de Helena* de Górgias de Leôncio é um excelente exemplo da habilidade sofisticada de construir um discurso convincente. O texto conta com uma tradução cuidadosa do grego pelo Grupo Anágnosis da UFMG e encontra-se disponível em:

<http://anagnosisufmg.blogspot.com/2009/11/elogia-de-helena-gorgias.html>

3. A maior parte das obras dos poetas Homero e Hesíodo, bem como os diálogos de Platão, também possuem traduções para o Português e podem ser lidas on-line. Bastam alguns minutos de pesquisa e pronto! Horas, dias e meses de muita diversão.

Até breve!

Bro
Urug.
Argei

